

Resenha: **CERNUZIO, Salvatore**. *O véu do silêncio. Abusos, violências, frustrações na vida religiosa feminina*. Editora Vozes, 2023, 229 p. Petrópolis. Título em italiano: *Il velo del silenzio- abusi, violenze, frustrazioni nella vita religiosa femminile*.

A Vida Religiosa Consagrada remonta aos primórdios da igreja, quando mulheres e homens abandonavam os prazeres mundanos para se refugiar na solidão das clausuras, com o intuito de dedicar suas vidas e dons à causa do reino, inspirados por Jesus Cristo. Por consequência, inúmeras congregações e ordens surgiram dentro da igreja, tornando sua contabilização um desafio. Destacamos algumas: salesianos, franciscanos, beneditinos, jesuítas, carmelitas, teresianas, canisianas, salvatorianos etc.

Desse modo, a vida religiosa é uma construção que perpassa o limiar da igreja católica, uma criação humana considerada inspirada pelo divino. Idealizada por mulheres e homens que viram as necessidades que afligiam as pessoas em determinados períodos históricos, imbuídos da compaixão, do amor a Deus e ao povo, iniciam o projeto de vida religiosa – por isso, cada congregação possui um trabalho e missão específicos. Muitas das mulheres e homens fundadores de institutos consagrados no interior da igreja católica alcançaram as glórias dos altares, sendo declarados santos por sua vida exemplar e irreparável, digna de modelo para os cristãos católicos.

Nesse sentido, mulheres e homens que optavam por essa forma de vida buscavam viver uma vida de santidade e perfeição, afastando-se da sociedade e do convívio com outras pessoas. Por isso, eram consideradas sagradas, isentas de qualquer suspeita de má conduta. Além disso, seus comportamentos protegidos de qualquer análise científica (Ribeiro, 2002) dificultavam investigações aprofundadas sobre esse modo de vida. Assim, o campo de pesquisa que enuncia os saberes e os fazeres da vida religiosa ainda permanece escasso.

Em dissertação de mestrado publicada em 1985 sobre a vida religiosa inserida nos meios populares, a socióloga e feminista Rosado Nunes destacou a ausência de estudos que sistematizem essa modalidade de vida nas academias brasileiras (Nunes, 1985). Passados exatos quarenta anos da publicação do referido texto, afirmo que o campo de estudos sobre vida religiosa no Brasil segue incipiente, principalmente desde uma perspectiva interseccional que evidencie os marcadores da diferença que façam a leitura adequada da realidade que envolve sujeitos que optam por esse estilo de vida.

A vida religiosa passa por transformações substanciais forjadas pelo Concílio Vaticano II (1962–1965). Este concílio imputou mudança a toda a igreja em sua ação pastoral, missão e teologia. E a vida consagrada não ficou isenta de uma forte revisão interna. A abertura realizada a partir desse evento eclesial possibilitou às religiosas/os assumirem uma forma de vida e missão conforme o que a sociedade exigia naquele momento. Saíram dos conventos e se inseriram nas comunidades populares, junto ao povo, promoveram a extinção do hábito que caracterizava a consagração, incentivaram a realização de estudos acadêmicos, dentre outras mudanças. As religiosas e os religiosos tiveram que defrontar-se com o que o mundo moderno oferecia. A partir das leituras e pesquisas sobre a vida religiosa feminina, é possível afirmar, audaciosamente, que, embora houvesse um movimento de saída dos conventos para enfrentar as realidades da época, internamente, as mudanças foram tímidas. Isso se nota, principalmente, nas estruturas hierárquicas, que, como o livro resenhado profusamente destaca, geram relações abusivas e assimétricas.

Após esse breve preâmbulo, volto-me para a obra *O véu do silêncio. Abusos, violências, frustrações na vida religiosa feminina*, publicada originalmente em italiano em 2021 e que, em 2023, chegou ao Brasil, pela tradicional editora católica Vozes. O livro foi escrito pelo jornalista e vaticanista italiano Salvatore Cernuzio (1987-), que trabalha na Agência Católica Zenit, na Vatican Insider, na redação do *Vatican News* e é colaborador de outros jornais italianos. Ele acompanhou o papa Francisco em diversas viagens pela Itália e a outras partes do mundo. O contexto e a origem desta publicação partem do encontro do autor com uma amiga ex-religiosa, e os relatos sobre sua saída desastrosa do mosteiro após mais de 10 anos. Este reencontro suscitou, em Cernuzio, o desejo e a inspiração de encetar uma pesquisa sobre casos de abusos e violências na vida religiosa feminina, e tal investigação culmina com esta obra aqui comentada.

A pesquisa envidada pelo autor abrange religiosas e ex-religiosas, de vida contemplativa e ativa, e teve duração de doze meses de intenso diálogos e encontros com mulheres que optaram por esse gênero de vida. Para além da pesquisa empírica, Cernuzio se apoia na investigação do padre Giovanni Cucci, jesuíta, que publicou uma longa e audaciosa pesquisa sobre os abusos de consciência e de poder na vida consagrada feminina em 2020. A obra de Cernuzio objetiva evidenciar os casos de abusos e violência cometidos contra mulheres inseridas na vida religiosa e colocar luz sobre eles, no sentido de buscar formas de eliminá-los. Se faz importante destacar que o livro aborda diversas formas de abusos, não se restringindo apenas ao sexual, como comumente se pensa. Incluem-se aqui abusos de poder, consciência (Francisco, 2018), morais, espirituais, econômicos, laborais – uma lista que, considerando os relatos do livro, poderia ser ainda mais extensa.

O véu do silêncio. Abusos, violências, frustrações na vida religiosa feminina é uma leitura obrigatória para religiosas e religiosos, pessoas envolvidas nas pastorais e organismos da igreja católica, pesquisadores do catolicismo e outros. Conforme o autor enfatiza, “longe de querer elencar uma árida casuística de problemas, o livro quer ser um instrumento para dar voz a pessoas, a rostos” (Cernuzio, 2023, p. 89). A obra, além disso, provoca uma reflexão inescapável sobre situações adversas que afetam a vida, a psique e o corpo de mulheres que escolhem a vida religiosa. É, contudo, também uma denúncia de mulheres que, ao vivenciarem sofrimentos e frustrações nessa escolha, clamam por serem ouvidas, por justiça e pelo respeito às suas vidas, com o desejo de que suas experiências negativas não se repitam.

A obra consta de doze relatos de religiosas de diferentes nacionalidades, idades, raças, classes, escolaridades e congregações – ao ressaltar esses marcadores da diferença, o texto carrega o princípio da interseccionalidade tão necessária para visibilizar as vicissitudes das mulheres envolvidas. Com o intuito de preservar a identidade das pessoas que se dispuseram a compor os relatos, o autor recorre a nomes fictícios e não constam nomes de quaisquer institutos de vida consagrada em que ocorreram as experiências contadas pelas religiosas e ex-religiosas. O livro segue a seguinte organização: uma apresentação à edição brasileira oferecida por William Castilho Pereira, o prefácio realizado por uma religiosa, Bárbara P. Bucker, o prefácio à edição italiana, pela subsecretária da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos e religiosa Nathalie Becquart, uma introdução assinada pelo jesuíta italiano padre Giovanni Cucci; posteriormente, seguem as notas do autor, os doze testemunhos, elementos para pensar a avaliação dos casos de abuso e, por fim, os agradecimentos.

Passo a analisar com mais atenção a apresentação e o prefácio da edição em português. O prefácio à edição em italiano e a introdução apresentam elementos importantes acerca dos abusos, da violência, dos sofrimentos, do racismo, clericalismo, autoritarismo,

submissão e outros, que convidam à leitura e à ação e se aplicam adequadamente à realidade brasileira.

William Castilho Pereira, quem apresenta a obra, é psicólogo clínico e possui uma ampla e qualificada produção reconhecida no Brasil no que diz respeito ao adoecimento psíquico, depressão e a síndrome de *burnout* de padres diocesanos, religiosos e religiosas. Este experiente autor aterrisa a discussão proposta por Cernuzio no chão da vida religiosa brasileira, evoca questões de gênero, feminismo, os embates pós-Concílio Vaticano II e as mudanças provocadas por este, a redução do número de religiosas/os, as hierarquias rígidas com demasiada imposição de poder sobre os membros da comunidade religiosa, dentre outras. Oferece um contexto acerca da vida religiosa que permite entender a ocorrência dos abusos, apresentando relatos de religiosas em suas pesquisas, e dialoga com a teoria freudiana para trazer elementos à discussão. Encerra seu texto apontando algumas orientações para se pensar as mudanças nas estruturas da vida religiosa, com o título sugestivo de “Educar para transformar”.

O prefácio, assinado pela teóloga e religiosa Bárbara P. Bucker, busca respaldo em documentos pontifícios, como *Caritas in Veritate*, do papa Bento XVI, e no pensamento de Karol Wojtyła, além de transitar por autores da filosofia para embasar suas reflexões. Inicialmente, Bucker destaca o interesse da Editora Vozes em traduzir e publicar a obra. Em seguida, aborda o desafio atual da vida religiosa em considerar a importância da vida humana e sugere que o livro seja uma oportunidade de crescimento e provocação para o amadurecimento humano. No entanto, o desenvolvimento do texto não aprofunda essas questões, tornando-se longo e cansativo. Ademais, o prefácio não toca o cerne dos abusos, violências e frustrações na vida religiosa, tão bem sumarizadas por Cernuzio. A meu ver, o texto de Bucker carece de uma perspectiva teológica feminista que lance luz sobre as situações degradantes a que inúmeras mulheres, no Brasil e no mundo, são submetidas ao optar pela vida religiosa.

Cernuzio mantém a estrutura da obra no desenvolvimento dos relatos das religiosas e ex-religiosas que, em sua grande maioria, começam evocando aspectos da vida em família, a relação com os pais, irmãos, participação na comunidade paroquial e vivências da emergência da descoberta vocacional – são fatos que ilustram a vida antes e após se consagrarem à vida religiosa. Em seguida, o autor apresenta a vida no instituto, que começa sem nenhuma peripécia, parece ser o local adequado à realização pessoal e da vontade de Deus para suas vidas. No entanto, a fluidez do tempo contribui para o conhecimento do espaço e das pessoas que o compõem e, decorrente, surgem as frustrações e as desilusões que culminam nas experiências impactantes apresentadas no livro.

Os depoimentos colhidos pelo autor revelam temas negligenciados pela igreja e pela vida religiosa. Dentre eles, destaco o racismo presente nesses ambientes – ora sutil, velado, ora escancarado –, frequentemente omitido pelo discurso do amor ou da conciliação. Embora Cernuzio utilize o termo “preconceito”, ele descreve situações de religiosas vindas do continente africano ou do Sul Global, que enfrentam trabalhos pesados em função da cor da pele, desconfiança e sarcasmo em relação à sua capacidade intelectual. Em um dos relatos, por exemplo, uma irmã expressa seu desejo não realizado de ter acesso à academia.

Além disso, a obra expõe situações de machismo exercido pelas próprias irmãs, reflexo de uma sociedade estruturalmente e culturalmente machista que adentra as instituições sociais e eclesiais. Para ilustrar, há um relato de abuso sexual sofrido por uma irmã, perpetrado por um sacerdote. Assustadoramente, as companheiras de comunidade a consideraram culpada, alegando que ela “provocava” o acusado. Nesse contexto, a

desconstrução dos machismos dentro das congregações religiosas é fundamental, pois contribuem, não raras vezes, para a opressão das mulheres.

A obra de Cernuzio nos faz perceber que a vida religiosa está carente de uma leitura feminista que dê conta da realidade dos machismos, do sexismo, das violências que são cometidas contra os corpos e as vidas das religiosas. Não se quer aqui dizer que o feminismo seria a panaceia para a vida religiosa, mas possibilitaria ações mais concretas calcadas na realidade vivida por cada uma. Essa negação por parte da Igreja e da vida religiosa em dialogar com o feminismo, e deste com a religião, é um impeditivo para o desenvolvimento de uma cooperação que garanta os direitos de todas as mulheres (Gebara, 2017), incluindo aquelas que se dedicam à vida religiosa consagrada.

Casos que dizem respeito a abusos de poder, econômico, espiritual, moral e laboral permeiam todos os relatos do livro como uma infeliz coincidência. Para além dessas situações de abusos recorrentes, algumas das religiosas colocam em xeque se esse gênero de vida eclesial conduz à felicidade, e a resposta que encontramos é negativa. Houve relatos que enfatizam o julgamento que sofrem por sua personalidade, gostos e ações. Algumas abandonam a vida religiosa e não encontram perspectiva de trabalho, moradia, estudos, espaços de acolhida, dentre outros. O que se percebe nos relatos é que, na maioria das vezes, as mulheres desejariam seguir a vida consagrada. Contudo, as situações degradantes a que foram submetidas dentro das congregações as impossibilitam, levando-as a renunciar aos seus sonhos.

Em suma, a obra apresenta ineditismo ao abordar temas inexplorados na vida religiosa, clamando a atenção da igreja. É um convite à autocrítica para os diversos institutos consagrados no Brasil, que precisam rever aspectos relacionados à membresia e desenvolver ações mais empáticas que coloquem a vida humana, em toda a sua complexidade, no centro. O livro também é um convite às pessoas inseridas nas pastorais e demais organismos da igreja a se sentirem afetadas por essas problemáticas que atingem o cerne da vida consagrada, mas que podem ser encontradas em outros espaços da vida eclesial. Portanto, façamos a leitura atenta e ouçamos a voz de um grupo de mulheres que clamam por uma vida religiosa mais humana e humanizadora.

Referências

FRANCISCO. **Carta ao Povo de Deus**. Vaticano: 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html Acesso em: 8 jun 2025.

CERNUZIO, Salvatore. **O véu do silêncio**. Abusos, violências, frustrações na vida religiosa feminina. Petrópolis: Vozes, 2023.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, Religião e Poder**. São Paulo: Terceira Via, 2017.

NUNES, Maria José Rosado. **Vida Religiosa nos meios populares**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RIBEIRO, Elisabeth Sebastiana. **O fenômeno depressivo na Vida Religiosa Feminina**. Causas, meios preventivos e terapêuticos. São Paulo: Loyola, 2002.

Recebido em 25/04/2025

Aceito em 01/07/2025